

# AUTORIA E REPRESENTAÇÃO FEMININAS NA LITERATURA PÓS-COLONIAL ITALIANA: UMA ABORDAGEM INTERSECCIONAL<sup>1</sup>

## FEMALE AUTHORSHIP AND REPRESENTATION IN ITALIAN POST-COLONIAL LITERATURE: AN INTERSECTIONAL APPROACH

Márcia de Almeida<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho propõe a análise de narrativas de autoria feminina da literatura pós-colonial italiana sob a perspectiva interseccional (CRENSHAW, 1989), uma das maiores contribuições do feminismo contemporâneo, tendo em vista que evidencia a necessidade de se levar em conta a heterogeneidade dos sujeitos femininos, alertando para o fato de que a discriminação de gênero deve ser examinada na sua simultaneidade com outros tipos de opressão, e que proporciona, para além da abordagem dos efeitos coercitivos das relações de poder, possibilidades de resistência e agenciamento (BRAH, 1996) às mulheres.

**Palavras-chave:** Autoria feminina. Personagens femininas. Perspectiva interseccional. Literatura pós-colonial italiana.

**ABSTRACT:** The present work proposes the analysis of female-authored narratives of Italian postcolonial literature from an intersectional perspective (CRENSHAW, 1989), being this one of the major contributions of contemporary feminism. Intersectionality takes into account the heterogeneity of female subjects, pointing out that gender discrimination must be examined simultaneously with other types of oppression. Besides this, it addresses the coercive effects of power relations, providing women possibilities of resistance and agency (BRAH, 1996).

**Keywords:** Female authorship. Female characters. Intersectional perspective. Italian postcolonial literature.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 16 de agosto de 2019 e aceito para publicação em 30 de novembro de 2019.

<sup>2</sup> Doutora em Letras Neolatinas pela UFRJ, com pós-doutorado na Universidade de Roma La Sapienza e na UFPB; Professora do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF; Membro do GT da ANPOLL A mulher na Literatura; E-mail: marcia.almeida@ufjf.edu.br; ORCID: 0000-0001-9910-4739.



Este trabalho propõe a leitura de algumas narrativas de escritoras da chamada literatura pós-colonial italiana sob a perspectiva interseccional, uma das grandes contribuições do feminismo contemporâneo para os estudos literários e para a análise da produção de autoria feminina.

Em 1989, Kimberlé Crenshaw utilizou, pela primeira vez, o termo interseccional e, de certa forma, sistematizou as bases de uma abordagem que vinha responder a demandas antigas de se levar em conta a heterogeneidade dos sujeitos femininos e que alertava sobre a necessidade de se entrelaçar distintas formas de diferenciações sociais que podem interagir e promover desigualdades sociais e hierarquizações.

A partir de suas considerações, que influenciaram pesquisadoras e pesquisadores dos estudos feministas e de gênero, mas também de áreas muito diferentes, ficou mais evidente que, na maioria das vezes, a discriminação de gênero deve ser examinada na sua simultaneidade com outros tipos de opressão.

No presente estudo, especificamente, gostaríamos de refletir sobre a inserção de outros entrecruzamentos ao clássico tripé interseccional: gênero, raça e classe social, pois, no enfoque da produção literária de Cristina Ali Farah e Igiaba Scego, escritoras com origens em uma das ex-colônias italianas na África, não podemos deixar de considerar os desafios pós-coloniais, a questão migratória e as diferenças de ordem cultural como relevantes no exame das narrativas e dos relatos das autoras sobre as discriminações sociais por que passam suas personagens femininas, sujeitos diaspóricos somalis, para se manterem na Itália.

Nesse movimento de ampliação dos três eixos iniciais, contamos com o apoio da pesquisadora Kathy Davis que, em um artigo de 2008, disse o seguinte:

A interseccionalidade [...] não oferece orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista [...]. Ao contrário, ela estimula nossa criatividade para olhar para novas e frequentemente não-ortodoxas formas de fazer análises feministas. A interseccionalidade não produz uma camisa-de-força normativa para monitorar a investigação [...] na busca de uma “linha correta”. Ao invés disso, encoraja cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses, seguindo os interesses de



uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável. (DAVIS, 2008, p. 79)<sup>3</sup>.

Nesse sentido, investigamos o modo como as duas escritoras ítalo-somalis apresentam, literariamente, a subalternidade dos corpos de suas personagens, migrantes de primeira ou segunda geração, por meio da descrição das atividades de trabalho que elas desenvolvem na metrópole.

No romance *Rhoda*, por exemplo, de 2004, Igiaba Scego narra a história das africanas Barni e Faduma, que migraram há muitos anos para a Itália, e de Rhoda e Aisha, sobrinhas de Barni, que se mudam para Roma com o estouro da guerra civil na Somália, em 1991.

Para as duas somalis mais velhas, o trabalho nas casas dos *gaal*, ou seja, nas casas dos brancos, tem um objetivo bem preciso: ter dinheiro para enviar aos parentes que permaneceram na Somália e, assim, aliviar, pelo menos em parte, a sua penúria. De fato, em um trecho do romance que narra a história de Barni, se lê que ela:

Não gostava de trabalhar nas casas dos *gaal*. Mas trabalhava. Era preciso pensar em quem tinha ficado na Somália. Havia a guerra, ninguém trabalhava e seu dinheiro era importante. [...] Não podia fraquejar, não podia se permitir o luxo de desabar. Se fraquejasse, o que seria de sua família? (SCEGO, 2004, p. 22)<sup>4</sup>

Por esse mesmo motivo, a personagem Faduma adia infinitamente sua mudança para a Alemanha, onde seus filhos estão para se formar em medicina, e onde poderia ser assistida e ter um outro tipo de vida.

Durante a narrativa, não é prevista qualquer satisfação profissional na execução das tarefas que cabem a elas: as mais humildes. Ao contrário, as personagens descrevem, principalmente, a parte mais

---

<sup>3</sup> Todas as traduções, do inglês e do italiano, são minhas. Texto original: "Intersectionality [...] does not provide written-in-stone guidelines for doing feminist inquiry [...]. Rather, it stimulates our creativity in looking for new and often unorthodox ways of doing feminist analysis. Intersectionality does not produce a normative straitjacket for monitoring feminist inquiry in search of the 'correct line'. Instead it encourages each feminist scholar to engage critically with her own assumptions in the interests of reflexive, critical, and accountable feminist inquiry."

<sup>4</sup> Texto original: "Non le piaceva lavorare nelle case dei *gaal*. Ma lo faceva. Si doveva pensare a chi era rimasto in Somalia. C'era la guerra, nessuno lavorava e i suoi soldi facevano comodo. [...] Non poteva crollare, non poteva permettersi il lusso di crollare. Se lo avesse fatto cosa sarebbe stato della sua famiglia?"



degradante de suas ocupações, como se conta do trabalho de Barni na casa de uma senhora italiana:

A senhora Matilde era velha, sozinha e terrível. A sua única diversão era atormentar a faxineira [...] vivia para atormentá-la todas as quartas. [...] [Barni] preferiria morrer a ir àquela casa úmida e fria. [...] E, no entanto, estava lá. Toda santa quarta-feira. [...] Não gostava daquela mulher, mas aquele era um modo honesto de ganhar o pão de cada dia. Trabalhava por hora e precisava se desdobrar, correndo por vários bairros de Roma, para lavar privadas rosa muito sujas. (SCEGO, 2004, p. 21)<sup>5</sup>

Também no caso de Faduma, que, antes de migrar para a Itália, era professora de História em escolas de Mogadíscio, a autora insiste sobre a parte mais mortificante da sua nova ocupação em Roma. De fato, Faduma se define como uma empregada mal paga e humilhada e se lamenta de ter que ir trabalhar, dizendo:

Deveria ir cuidar da velha megera, mas, francamente, não estou a fim! Hoje aquela sonsa fez xixi no chão e precisei limpar por horas. Por que o xixi das velhas megeras fede como esgoto a céu aberto? (SCEGO, 2004, p. 98)<sup>6</sup>

Podemos perceber que, nessas condições, não se fala em profissão, pois o trabalho perde a sua característica de valor social, que enobrece o homem, e se transforma em mera relação econômica.

Em contrapartida, para se ter ideia da relevância da atividade laboral em solo italiano, basta mencionar que a própria Constituição afirma, em seu Artigo n. 1, que a Itália é uma República democrática fundada no trabalho. Além disso, historicamente, as conquistas da mão de obra e dos sindicatos italianos atravessaram fronteiras, sendo muitas vezes lembradas

---

<sup>5</sup> Texto original: "La signora Matilde era vecchia, sola e stronza. L'unico suo divertimento era tormentare la sua donna di servizio [...] viveva per poterla tormentare ogni mercoledì. [...] [Barni] avrebbe voluto essere inghiottita piuttosto che andare in quella casa umida e fredda. [...] E invece era lì. Ogni mercoledì che Dio mandava. [...] Non le piaceva quella donna, ma quello era un modo onesto di guadagnarsi il pane. Faceva la domestica a ore e si doveva scapicollare per diverse zone di Roma a lavare i cessi rosa molto sudici."

<sup>6</sup> Texto original: "Dovrei badare alla vecchia megera, ma francamente non mi va! Oggi quella scema ha fatto la pipì sul pavimento e ho dovuto pulire per ore. Perché la pipì delle vecchie megere puzza come una discarica a cielo aperto?"



e citadas, no exterior, como exemplos de uma luta vitoriosa na defesa de direitos e da dignidade no mundo do trabalho.

Porém, para essas personagens trabalhadoras, a Itália é apenas um lugar, como qualquer outro, para ganhar dinheiro.

É verdade que, na atualidade da península, também para muitos italianos e italianas, a dimensão econômica é a que realmente importa. Mas, no caso específico das e dos migrantes, temos que considerar, ainda, que há, muito frequentemente, um abismo entre o trabalho que desenvolviam nas nações de origem e as ocupações que conseguem obter na Itália, o que intensifica o sofrimento, por exemplo, da personagem Faduma que, antes da migração, se sentia realizada em uma carreira de prestígio na Somália.

Também no romance *Madre piccola*<sup>7</sup>, de Cristina Ali Farah, encontramos muitas personagens que executam trabalhos domésticos. E uma das personagens explica que “mesmo antes da guerra, muitas moças chegaram à Itália para serem *boyeeso*”. (ALI FARAH, 2007, p. 218)<sup>8</sup>

Por meio do glossário, no fim do livro, aprendemos o significado de *boyeeso*: “feminino de boy, derivado do modo como eram chamados os empregados domésticos nas colônias inglesas” (ALI FARAH, 2007, p. 269)<sup>9</sup>. Já a guerra mencionada é a guerra civil na Somália, que começou, como dissemos, em 1991, e que, na narrativa de Ali Farah, marca a separação das duas protagonistas do romance, as primas Domenica (pai somali e mãe italiana) e Barni (pai e mãe somalis), que só se reencontram no fim do romance.

Em *Madre piccola*, publicado em 2007, Barni conta que, tendo chegado à Itália logo após o estouro da guerra civil, no início trabalhava na casa de uma família. Ela lembra: “Eu também trabalhava [...] [em uma casa

---

<sup>7</sup> O título do romance, que poderia ser traduzido para o português como Pequena mãe, é uma referência ao papel que uma das protagonistas do livro, Barni, terá na criação do filho da outra personagem principal, Domenica. Muito unidas na infância, as primas Barni e Domenica retomam a amizade após anos de separação e Domenica pedirá a Barni que seja a *madre piccola* de seu filho Taariikh. As atribuições de uma *madre piccola*, na cultura somali, corresponderiam aproximadamente às de uma madrinha de batismo na tradição brasileira.

<sup>8</sup> Texto original: “già prima della guerra molte ragazze erano arrivate in Italia per fare le *boyeeso*.”

<sup>9</sup> Texto original: “femminile di boy, dal nome con cui venivano chiamati i collaboratori domestici nelle colonie inglesi”



de família] [...], mesmo tendo estudado para ser obstetra. Me contratavam como cuidadora de idosos”. (ALI FARAH, 2007, p. 159)<sup>10</sup>

Além disso, como as personagens de Scego, também a personagem de Cristina Ali Farah confirma seu compromisso em relação aos parentes e conterrâneos, tanto na Somália quanto em diáspora, quando diz: “Quantos amigos e parentes salvei com meu parco salário? Quantas pessoas me pedem ajuda todo mês [...]?” (FARAH, 2007, p. 41)<sup>11</sup>

Com efeito, em um artigo de seu livro *Cartografias contemporâneas*, Sandra Goulart Almeida, comenta que “as mulheres se tornam sujeitos integrantes e necessários no movimento de deslocamento geopolítico, integrando-se à força de trabalho no contexto transnacional de exploração de mão de obra” (ALMEIDA, 2015, p. 128).

E, no mesmo artigo, “O corpo na diáspora”, a autora lembra que, já em 1996, Gayatri Spivak afirmava que esses sujeitos femininos, “apesar de marginais à estrutura hegemônica, estão inevitavelmente inseridos no modo de produção local e são de grande utilidade no sistema global e transnacional de circulação econômica de mão de obra laboral.” (ALMEIDA, 2015, p. 125)

Porém, o fato é que, mesmo com a crescente demanda pelo tipo de trabalho que elas assumem, essas mulheres são tratadas como mercadoria abundante, sem direitos, e permanecem reificadas, como corpos invisíveis nas grandes cidades.

Essa invisibilidade dos corpos femininos negros é denunciada em outro romance de Scego, *Oltre Babilonia*<sup>12</sup>, de 2008, onde encontramos a personagem Zuhra, de segunda geração, que, excepcionalmente, escapa das atividades de cuidadora ou empregada, as colocações habituais das migrantes africanas na Itália.

---

<sup>10</sup> Texto original: “Anch’io lavoravo fissa [...] anche se ho studiato come ostetrica. Mi prendevano come infermiera per assistere gli anziani.”

<sup>11</sup> Testo original: “Quanti amici e parenti ho salvato con il mio povero stipendio? Quante sono le persone che mensilmente mi chiedono aiuto [...]?”

<sup>12</sup> Nas últimas páginas do livro, a autora oferece uma explicação para o título, que poderia ser traduzido para o português como Para além da Babilônia: *Oltre Babilonia* seria uma espécie de mantra que Zuhra teria inventado para si mesma, ainda nos tempos de escola, “Babylon era tutto quanto di peggio possa esistere al mondo” (SCEGO, 2008, p. 450), ou seja, Babilônia era tudo de pior que pudesse existir no mundo, e expressaria seu desejo de “ir além” de tudo isso. Baseia-se em uma entrevista, de 1976, de Bob Marley à revista “Rolling Stone”, na qual o compositor idealiza seu refúgio na Etiópia, para escapar da Babilônia (metáfora do Ocidente) corrompida.



Zuhra, formada em Letras, com especialização em Literatura brasileira, trabalha em uma livraria, Libla. Mas os clientes confundem-na sempre com a faxineira, e não se dirigem a ela, tornando-a praticamente invisível, como vemos no seu relato:

Na Libla ninguém olha para mim. Para os clientes sou uma criatura invisível, quase etérea, como um elfo. O fato é que na livraria me confundem sempre com a mulher da limpeza. [...] Ninguém pede informações à mulher da limpeza. Nunca, *abadan*. É quase como se ela não existisse. A equação é: negra igual a faxineira, nunca negra igual a vendedora. (SCEGO, 2008, pp. 234-235)<sup>13</sup>

Por outro lado, às vezes, são as próprias personagens que querem tornar seus corpos invisíveis, para não sofrerem com preconceitos e estereótipos negativos, que, aliás, não surgem hoje, ao contrário, no caso de mulheres de origem somali, remontam ao período do colonialismo italiano na África, ou a antes ainda, quando o eurocentrismo atribuía um valor inferior às populações africanas.

Nesse sentido, podemos citar o exemplo de uma outra personagem de *Oltre Babilonia*, Mar, também nascida na Itália, filha de uma argentina e de um somali, a qual sofre racismo desde criança. No romance, Mar conta que, quando estava no segundo ano, um coleguinha de escola, Antonio Lorenzetti, lhe perguntou por que ela era negra, se sua mãe era branca, e lhe expôs, em sua linguagem infantil, uma longa lista de estereótipos depreciativos a respeito dos africanos: “são pobres”, “não têm sapatos”, “morrem todos de fome”, “são muito magros”, “têm cabelos feios”, “dão um pouco de nojo”, “porque também fedem”, “só se lavam de vez em quando” e, “como os macacos, comem muitas bananas” (SCEGO, 2008, p. 124)<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Texto original: “Alla Libla non mi guarda mai nessuno. Per i clienti sono una creatura invisibile, quasi eterea come un elfo. C’è da dire che alla Libla mi scambiano sempre per la donna delle pulizie. [...] Nessuno chiede informazioni alla donna delle pulizie. Mai, *abadan*. È quasi come se non esistesse, la donna delle pulizie. L’equazione era nera uguale sguattera, mai nera uguale commessa.”

<sup>14</sup> Texto original: “sono dei poveri”, “non hanno scarpe”, “muoiono tutti di fame”, “sono magri magri”, “hanno capelli brutti”, “fanno un po’ schifo”, “perché poi puzzano”, “si lavano solo una volta ogni tanto” e, “come le scimmie, mangiano tante banane.”



Por conseguinte, para Mar, sua aparência física, que mistura traços somalis e argentinos, é motivo de vergonha e ativa a vontade de se tornar invisível, como vemos no fragmento:

Mar [...] se sentia uma zebra. Mas não uma daquelas em que cada linha era diferente da outra, com um limite nítido de separação. [...] Mar se sentia uma zebra colocada na máquina de lavar, na qual o branco e o negro tinham ficado manchados do tom um do outro. [...] Não gostava de ser assim. Não era nada. Não era negra. Não era branca. (SCEGO, 2008, p. 329)<sup>15</sup>

Do mesmo modo, a ítalo-somali Domenica, no romance de Cristina Ali Farah, preferiria esconder a mistura de origens evidente em seu corpo, o qual, pelos comentários que suscita, lhe parece impróprio tanto em sua permanência na Somália quanto em sua vida na Itália.

Esse duplo sentimento de inadequação traz graves consequências ao percurso existencial de Domenica: um longo período de silêncio, no qual tem dificuldade de se expressar; o hábito de cortar a própria pele e dez anos de peregrinação por diversos países sem uma meta precisa, quando decide acatar a sugestão do primo Libeen de um trabalho no qual pudesse aproveitar seu desejo de ser invisível, como revela a personagem, em determinado momento da narrativa: “[Ele] me imaginava como repórter cinematográfica. Eu sempre tinha sido hábil em me tornar invisível. Por isso, talvez, sua ideia fizesse sentido.” (ALI FARAH, 2007, p. 113)<sup>16</sup>.

A protagonista do romance *Rhoda* também denuncia o modo como o racismo atinge as mulheres de origem africana na Itália, quando se refere às suas limitadas oportunidades de trabalho e quando recorda a sua decisão de se tornar prostituta. Ela diz:

Uma mulher negra na Itália tinha, no imaginário comum, possibilidades limitadas de colocação. [...] As mulheres negras eram cantoras de *soul* ou de *jazz*, atletas recordistas, supermodelos ... isso na melhor das hipóteses. Nos casos piores, eram mulheres

<sup>15</sup> Texto original: “Mar [...] si sentiva una zebra. Ma non una di quelle in cui ogni linea era distinta dall’altra con un confine netto di separazione. [...] Mar si sentiva una zebra messa in lavatrice in cui ogni bianco e ogni nero si erano sporcati della *nuance* dell’altro. [...] Non le piaceva molto essere così. Non era nulla. Non era nera. Non era bianca.”

<sup>16</sup> Texto original: “Mi immaginava come reporter, cattura immagini. Io sono sempre stata buona nel farmi invisibile. Per questo forse la sua idea era perspicace.”



perdidas, fêmeas ávidas de dinheiro, e dispostas a se vender por poucos e nojentos trocados. Enquanto mulher negra me sentia rotulada. Não tinha saída [...]. Foi assim que decidi me render ao clichê. (SCEGO, 2004, pp. 162-163)<sup>17</sup>

Percebemos, assim, a descrição de uma outra categoria, não mais a do corpo invisibilizado, mas a do corpo feminino exposto, porque Rhoda, rendendo-se ao estereótipo, trabalha, na periferia de Nápoles, vestindo apenas “trapos sucintos que ostentavam sua nudez para o mundo.” (SCEGO, 2004, p. 19)<sup>18</sup>

Podemos recordar aqui a teoria de Eleanor Ty sobre as minorias invisíveis visibilizadas, na qual se explica como o corpo feminino racializado se torna, paradoxalmente, visível, não obstante sua invisibilidade social e política. Segundo a pesquisadora, as minorias raciais, embora estejam condenadas à invisibilidade e ao silêncio, são marcadas pela visibilidade racial e, conseqüentemente, pelo preconceito e pela exclusão social.

A personagem Rhoda conhece tanto a exclusão quanto o racismo e prefere se vestir de modo sóbrio. Porém, no trabalho, expõe seu corpo, que será explorado nas ruas de Nápoles e, no fim, acabará infectado pelo vírus HIV da AIDS.

Também no romance mais recente de Igiaba Scego, *Adua*, está presente a crítica à exploração sexual do corpo feminino negro no mundo do trabalho: a personagem que dá nome ao livro, apaixonada por cinema, recebe uma proposta para se tornar atriz na Itália e deixa a Somália, com a esperança de se tornar uma nova Marilyn Monroe. Citamos um fragmento:

Sabia que visavam a meu corpo.  
Não era tão ingênua.  
Sabia que antes ou depois eu teria que pagar aquele imposto.  
Uma amiga tinha me prevenido.  
“Exigirão o seu corpo. Os italianos agiram assim com a minha avó. Não acho que esses de agora sejam diferentes, sabe? Você só precisa decidir se quer pagar esse preço ou não.”

<sup>17</sup> Texto original: “Una donna nera in Italia aveva, nell’immaginario comune, delle collocazioni precise. [...] Le donne nere erano cantanti di soul o di jazz, atlete da record, modelle da urlo... questo nei casi migliori. Nei casi peggiori si era delle donne perdute, femmine avidi di soldi e disposte a vendersi per pochi luridi spiccioli. In quanto donna nera mi sentivo etichettata. Non avevo scampo [...]. Fu così che decisi di arrendermi al luogo comune.”

<sup>18</sup> Texto original: “stracci succinti che sbandieravano al mondo le sue nudità.”



Para me tornar Marilyn pagaria qualquer preço.  
Ou, pelo menos, era o que eu achava na época.  
Não sabia que iriam me tomar tudo. Até a minha  
dignidade. (SCEGO, 2015, p. 122)<sup>19</sup>

Essa parte da narrativa se desenrola nos anos '70 do século passado, quando Adua, com dezessete anos, será protagonista de um único filme: *Fêmea Somali*, um pornô-soft, que, para ela, será só fonte de vergonha e humilhação.

Mas não podemos menosprezar a crítica que a autora faz ao período colonial, implícita no comentário da amiga a respeito da avó, como registro de uma época em que tanto o território quanto o corpo feminino africano eram considerados exóticos e disponíveis.

Por isso, quando, na cena literária italiana, emergem personagens femininas que são representações culturais de migrantes africanas, de primeira ou segunda geração, o gênero, como única chave de leitura, parece insuficiente.

Em *Problemas de gênero*, Butler já afirmava que

o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas [...] [e] se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2016, p. 21).

Então, tendo em vista que nem todas as mulheres compartilham historicamente a mesma opressão, não se podem negar as contribuições que a abordagem interseccional tem oferecido ao pensamento feminista, à análise social e aos estudos literários da autoria feminina.

Mas também é necessário atentar para o risco de uma análise engessada no âmbito de estruturas absolutas que condicionariam identidades e condenariam subjetividades a uma eterna subalternidade.

---

<sup>19</sup> Texto original: “Sapevo che miravano al mio corpo. Non ero così ingenua. Sapevo che prima o poi avrei dovuto pagare quella tassa. Un’amica mi aveva preavvertito. ‘Ti chiederanno il tuo corpo. Gli italiani con mia nonna hanno fatto così. Non credo che questi siano diversi, sai? Devi solo capire se vuoi pagare questo prezzo o no.’ Per diventare Marilyn avrei pagato qualsiasi prezzo. O almeno così pensavo allora. Non sapevo che mi avrebbero preso tutto. Anche la mia dignità”



Assim, desde *Cartografias da diáspora*, publicado por Avtar Brah, em 1996, já se discute uma outra vertente que, além de abordar os efeitos coercitivos das relações de poder, através das interseccionalidades, avança e aponta para as possibilidades de resistência e agenciamento que práticas interseccionais também podem proporcionar.

Em termos literários, em *Riscrivere la nazione*, de 2018, a pesquisadora italiana Caterina Romeo já percebe que as escritoras com origens em ex-colônias italianas

reescrevem as representações convencionais, que relegam perenemente as mulheres migrantes aos papéis de trabalhadoras domésticas ou trabalhadoras do sexo, através da criação de novos imaginários associados a elas, e restituem complexidade seja à experiência migratória, seja às possíveis articulações das relações sociais no país de chegada. (ROMEO, 2018, p. 126)<sup>20</sup>

Nesse sentido, é relevante constatar, nos romances de Igiaba Scego e de Cristina Ali Farah, a presença dessas mulheres no mundo do trabalho, e considerar, contemporaneamente, a oportunidade de emancipação das personagens femininas a partir, justamente, daquelas atividades que lhe são sempre atribuídas. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que a noção de interseccionalidade auxilia a investigação das diferenciações e de desigualdades sociais, ela pode igualmente propiciar uma contrapartida que oferece ferramentas agenciais para desconstruir e superar a subalternidade.

No romance de Ali Farah, por exemplo, a personagem Barni revela que seu trabalho atual, como obstetra em um hospital de Roma, ajuda-a a esquecer um passado de exploração, quando diz:

Vivo em Roma já há muitos anos. Estou bem. Tenho a minha casa, os meus amigos, a minha profissão. Do passado restou bem pouco. [...] Para mim, o mais importante é trabalhar. A intensidade ajuda a pensar

---

<sup>20</sup> Texto original: "riscrivono le rappresentazioni convenzionali che relegano perennemente le donne migranti ai ruoli di lavoratrici di cura o lavoratrici del sesso attraverso la creazione di nuovi immaginari a esse associati, e restituiscono complessità sia all'esperienza migratoria, sia alle possibili articolazioni dei rapporti sociali nel Paese di arrivo."



menos. Ser obstetra é viver sempre em emergência.  
(ALI FARAH, 2007, pp. 17-18)<sup>21</sup>

De modo semelhante, no final do romance *Rhoda*, Igiaba Scego narra que Faduma e Barni, somalis imigrantes na Itália, deixam para trás os dias de subempregos e abrem, em Roma, uma loja de produtos africanos, como se lê a seguir:

Barni ainda não acreditava que era dona de uma loja.  
Que não estava mais a serviço de ninguém.  
Que era uma pessoa com responsabilidades precisas.  
Que estava finalmente integrada.  
Mas era o que o letreiro da fachada mostrava. A loja  
“étnica” Rhoda era uma realidade e aquele letreiro  
em tons pastel era a prova irrefutável disso. (SCEGO,  
2004, p. 180)<sup>22</sup>

Nesse ponto, parece-nos interessante aproveitar as reflexões da socióloga Adriana Piscitelli sobre aspectos vinculados à integração de migrantes brasileiras no exterior, considerando-as válidas também para as migrantes africanas na Itália.

No artigo “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”, Piscitelli conclui:

A princípio, essas articulações situam essas migrantes em posições inferiorizadas, com efeitos concretos na inserção no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, as ambiguidades e contradições envolvendo esses processos de racialização/sexualização, articulados a gênero e nacionalidade, abrem brechas para as negociações nesses contextos migratórios. Essas negociações só podem ter lugar, se consideramos, à maneira de Brah, que as formas de categorização podem limitar, mas também abrem possibilidades para a agência. (PISCITELLI, 2008, p. 272)

---

<sup>21</sup> Texto original: “Vivo a Roma da anni ormai. Mi trovo bene. Ho la mia casa, i miei amici, la mia professione. Del passato è rimasto ben poco. [...] Per me, ciò che conta è riuscire a lavorare. L'intensità aiuta a pensare di meno. Fare l'ostetrica è sempre vivere in emergenza.”

<sup>22</sup> Texto original: “Barni ancora non credeva di essere la padrona di un negozio.

Di non essere più a servizio.

Di essere una persona con delle responsabilità precise nella vita.

Di essere finalmente una integrata.

Ma l'insegna lo dimostrava. Il negozio 'etnico' Rhoda era una realtà e quell'insegna dai colori pastello ne era la chiara dimostrazione.”



Lendo, pois, os romances de Igiaba Scego e de Cristina Ali Farah também em chave pós-colonial e considerando que atualmente o trabalho tem um papel central na desigualdade global, é inevitável identificar, na descrição das atividades das personagens femininas, a crítica e o engajamento das escritoras. Assim como é igualmente inegável reconhecer que a temática dos corpos femininos, invisíveis ou expostos, vem, intencionalmente, denunciar os efeitos atuais da campanha colonial italiana na África e a herança contemporânea da pressuposição de superioridade étnica e cultural do colonizador europeu.

## Referências

- ALI FARAH, C. **Madre piccola**. 1. ed. Trento: Frassinelli, 2007.
- ALMEIDA, S. **Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.26, p. 329-376, 2006.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43(6), p. 1241–1299, 1991.
- DAVIS, K. Intersectionality as buzzword, a sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. **Feminist Theory**, v. 9(1), p. 67-85, 2008.
- PISCITELLI, A. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11(2), p. 263-274, 2008.
- ROMEO, C. **Riscrivere la nazione: la letteratura italiana postcoloniale**. 1. ed. Firenze: Le Monnier Università, 2018.
- SCEGO, I. **Rhoda**. 1 ed. Roma: Sinnos, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Oltre Babilonia**. 1 ed. Roma: Donzelli, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Adua**. 1. ed. Roma: Giunti, 2015.
- SPIVAK, G. Diaspora old and new: women in transnational world. **Textual Practice**. v.10(2), p. 245-269, 1996.



Márcia de Almeida

TY, E. **The politics of the visible in Asian narratives.** 1 ed. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

